



OBITUÁRIO/ A 62 dias do 100º aniversário, o duque de Edimburgo, marido da rainha Elizabeth II, morre no Castelo de Windsor, a oeste de Londres. Pandemia da covid-19 impede funeral público com honras de Estado. Reino Unido prepara homenagens ao consorte

Príncipe Philip, 99 anos

» RODRIGO CRAVEIRO

Há uma década, em rara demonstração de afeto em público, a rainha Elizabeth II fez a seguinte afirmação sobre o marido, Philip: “É minha rocha. Tem sido minha força e minha âncora”. Na manhã de ontem, a monarca de 94 anos perdeu sua âncora. O anúncio foi feito pelo Palácio de Buckingham, ao meio-dia (8h em Brasília): “É com profunda tristeza que Sua Majestade, a Rainha, anuncia a morte do amado marido, Sua Alteza Real, o príncipe Philip, Duque de Edimburgo. Sua Alteza Real faleceu pacificamente, esta manhã, no Castelo de Windsor. (...) A Família Real une-se a pessoas de todo o mundo no luto por sua perda”, afirma o comunicado, publicado nas redes sociais e afixado nos portões do Palácio de Buckingham, onde os súditos britânicos depositaram flores em memória do marido de Elizabeth. Todas as bandeiras no Reino Unido foram baixadas a meio mastro. A causa da morte de Philip, que completaria 100 anos em 10 de junho, não foi divulgada. Recentemente, ele tinha se submetido a uma cirurgia cardíaca.

Às 18h de ontem (hora local), os sinos da Abadia de Westminster começaram a tocar 99 vezes — uma alusão aos anos vividos por Philip. Detalhes sobre os funerais do duque de Edimburgo deverão ser anunciados hoje. O Colégio de Armas, responsável pelos protocolos da família real, antecipou que o sepultamento ocorrerá na Capela de São Jorge do Castelo de Windsor, em cerimônia privada e sem honras de Estado. Por conta da pandemia da covid-19, autoridades pediram aos cidadãos que não participem das solenidades. Um livro de condolências foi publicado na internet.

Hoje, o Exército disparará 41 salvas de canhão em locais distintos do Reino Unido e do Gibraltar, e a partir de navios de guerra britânicos. Um tributo ao duque, conhecido por atos de heroísmo durante a Segunda Guerra Mundial. “O príncipe Philip conquistou o afeto de gerações aqui no Reino Unido, em toda a Comunidade de Nações e em todo o mundo”, declarou o

Ben Stanall/AFP



A rainha Elizabeth II e o príncipe Philip, fotografados durante corrida de cavalos em Berkshire, seis anos atrás

Tolga Akmen/AFP



Fã da Guarda Real presta tributo, em Buckingham

AFP



O casal flagrado após coroação de Elizabeth, em 1953

primeiro-ministro, Boris Johnson. “Ele foi o mais longo consorte da história e um dos últimos sobreviventes que serviu ao seu país durante a Segunda Guerra Mundial. (...) Agradecemos, como nação e como reino, pela vida e pelo trabalho extraordinário do príncipe Philip, duque de Edimburgo.”

Em entrevista à emissora BBC, o príncipe Charles — filho de Philip e herdeiro do trono — destacou a “energia surpreendente do pai, ao apoiar a rainha”. O príncipe Harry agradeceu os “serviços” do avô. “Sua ausência será muito sentida”, afirmou, em comunicado assinado com a esposa, Meghan Markle. O casal não revelou se irá ao funeral. Seria o primeiro retorno de Harry ao Reino Unido

desde uma entrevista bombástica à estrela da TV americana Oprah Winfrey, no mês passado.

Chefes de Estado e de governo de vários países prestaram condolências. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse que o duque de Edimburgo “era um grande homem” e o definiu como um “campeão do meio ambiente”. Os reis Felipe VI e Letizia da Espanha mandaram um telegrama à sua “querida tia Lilibet”, apelido familiar de Elizabeth, enviando as “mais sentidas condolências em nome do governo e do povo espanhol”.

O Ministério das Relações Exteriores brasileiro afirmou que o governo e o povo do Brasil “solidarizam-se com a rainha Elizabeth II, sua família e o povo do Reino

Unido neste momento de luto dos britânicos”. O presidente Jair Bolsonaro enviou mensagem de condolências a Sua Majestade.”

Especialistas

Historiadora e autora de *Elizabeth: The Queen and the Crown* (“*Elizabeth: A Rainha e a Coroa*”), a britânica Sarah Gristwood admitiu ao *Correio* que a morte de Philip é uma perda enorme para a rainha, não apenas no âmbito pessoal, mas pelo imenso papel do marido na formação de sua monarquia. “Nos primeiros anos do reinado de Elizabeth II, Philip foi extremamente instrumental em modernizar a família real, colocando-a em uma forma com a qual seria capaz

» Personagem da notícia

Nobre sem papas na língua

De ascendência alemã, Philip nasceu príncipe da Grécia e da Dinamarca, em 10 de junho de 1921, na ilha grega de Corfu. Foi o quinto filho de Alice de Battenberg e Andrew da Grécia. A família fugiu quando ele tinha 18 meses, após a proclamação da república grega, e buscou refúgio em Paris.

O pai era frequentador dos cassinos de Monte Carlo. A mãe, depressiva, entrou para o convento. Philip tinha 10 anos. Deixado com parentes distantes, estudou em colégios na França, Alemanha e Grã-Bretanha até ser enviado a um internato escocês. Ingressou na Marinha Real britânica e participou

nos combates durante a Segunda Guerra Mundial no Oceano Índico e no Atlântico. Era um jovem de 18 anos quando conheceu Elizabeth.

Lilibeth, como a chamava a mãe, tinha 13 anos e se apaixonou. Os dois casaram oito anos depois, em 20 de novembro de 1947. Nomeado duque de Edimburgo, ele teve que renunciar aos títulos de nobreza anteriores e à sua religião ortodoxa, convertendo-se à Igreja Anglicana. O temperamento vulcânico levou-o a acumular gafes. “Você conseguiu que não o comesse?”, perguntou a um jovem britânico que viajara a Papua-Nova Guiné em 1998.

de sobreviver e de prosperar no século 21”, observou. “De certa forma, o seu legado é o sucesso da soberania de sua mulher.”

Bob Morris, diretor da Unidade de Constituição da University College London e coeditor de *The role of monarchy in modern democracy* (“*O papel da monarquia na democracia moderna*”), disse à reportagem que Philip esteve no ápice da vida britânica por mais de sete décadas. “Ele foi um consorte leal e sempre solidário da rainha Elizabeth II, enquanto estabelece um espaço importante e pessoalmente original para si na vida pública, muitas vezes fazendo uso de uma linguagem desconfortavelmente direta. Philip mostrou-se crucial ao perceber que a monarquia era sensível às mudanças econômicas e sociais de sua época”, comentou o estudioso londrino.

Ainda segundo Morris, Philip foi um dos pioneiros no ativismo ambiental, e seu legado envolve a modernização da monarquia. “O caráter do apoio de Philip à rainha foi de grande auxílio para a transformação do Império Britânico em uma Comunidade de Nações colegiada. Em 73 anos de casamento, ele conseguiu ser inabalavelmente leal à esposa, mas também mostrou-se capaz de forjar

uma posição em que era, sem dúvida, dono de si mesmo.”

O estudioso da University College London explicou que Philip retirou-se da vida pública em 2018. Até então, segundo Morris, o marido de Elizabeth II havia feito 22 mil aparições públicas em apoio à Coroa desde junho de 1953, quando a rainha ascendeu ao trono.

Para Carolina Pavesi, professora de relações internacionais da ESPM-SP e doutora pela London School of Economics (LSE), a morte de Philip devolve à tona o debate sobre o futuro da Coroa britânica. “Em 21 de abril, a rainha completará 95 anos, embora esteja bastante ativa. Comenta-se que ela não abdicará do trono e permanecerá no cargo enquanto se mantiver lúcida e disposta. O que se coloca, agora, é a credibilidade da monarquia e o apreço da sociedade britânica pela Coroa”, explicou ao *Correio*.

Carolina reforça que, enquanto a rainha Elizabeth é bastante carismática, o príncipe Charles não detém as mesmas qualidades da mãe. “Além disso, por ter 72 anos, o reinado de Charles não será tão longo quanto o de Elizabeth II. Em médio e longo prazos, existe o desafio para a monarquia se manter.”



Conexão diplomática

por Silvano Queiroz silvanoqueiroz.df@gmail.com

Missão é recompor o Itamaraty

Muita expectativa cercou a posse, no início da semana, do novo ministro das Relações Exteriores. Carlos França tomou posse para suceder Ernesto Araújo em condições um tanto peculiares. Se a substituição do chanceler em meio de mandato não é propriamente novidade, nunca antes neste país um titular do Itamaraty deixou o cargo sob protestos de uma carta aberta assinada por mais de 300 diplomatas.

No foco das críticas internas não esteve, propriamente, a política externa definida para o governo Bolsonaro. Diplomatas democratas seguiram carreira e cumpriram funções no MRE sob o regime militar de 1964-1985 — e sob outros regimes de exceção. Muitas vezes, discordavam da orientação traçada no Planalto. Alguns chegaram a ser punidos por denunciar crimes cometidos pela ditadura contra os direitos humanos.

A novidade, na primeira metade do atual mandato presidencial, foi o mal-estar generalizado no corpo profissional da diplomacia brasileira com a condução da atividade pelo ministro

da pasta. Ainda mais por se tratar de diplomata de carreira, Ernesto Araújo deixou o cargo com um balanço compartilhado por subordinados de orientações políticas distintas e até divergentes: nesses dois anos e pouco mais, o chanceler se destacou como fator complicador para o exercício cotidiano das relações exteriores.

Mensagem inaugural

O novo chanceler tomou posse com um discurso que parece espelhar consciência do quadro com que se defronta — e com a própria condição. Carlos França pertence, basicamente, à geração de Ernesto Araújo. Como o antecessor, ascendeu ao cargo de embaixador recentemente. Assim como o primeiro escolhido de Bolsonaro, jamais chefiou uma missão brasileira no exterior, mas nem ao menos respondeu por algum departamento do MRE.

Basicamente, a experiência do novo ministro, no posto mais alto da hierarquia diplomática, se confina ao cerimonial do Planalto. Por força do momento, teve convivência com o atual

presidente e, naturalmente, goza de sua confiança. Mas, embora tudo indique que comunga das opções de Bolsonaro para a política externa, França deu a entender, no discurso de posse, que compreende os desafios colocados para o Itamaraty, ao menos no horizonte imediato.

Vizinhos inquietos

Desde logo, o novo chanceler terá de reconstruir relações de confiança na vizinhança. Ernesto Araújo encerrou o período como titular do Itamaraty em uma cúpula virtual do Mercosul na qual o Brasil era — como segue sendo — o foto imediato de preocupação dos sócios. Todos os governos sul-americanos mantêm medidas de restrição à entrada de brasileiros ou de viajantes com passagem por aqui, no esforço de conter a nova onda do coronavírus.

Se o hegemonismo causa prejuízos à diplomacia, igualmente ficam arranhadas a imagem e a posição de um país que, capacitado à liderança por natureza, deixa vago o espaço. “Quem vai ocupar o lugar do Brasil na América do

Sul?”, perguntava um diplomata latino-americano, em meio à crise da nossa política externa. “Ninguém tem o peso e o alcance diplomático de vocês.”

Vacina ainda que tarde

No discurso inaugural, o novo chanceler enfatizou como foco central de sua gestão o estabelecimento de conversações e entendimentos para a obtenção urgente de vacinas para que o país possa avançar de maneira consistente na imunização, de forma a retomar o quanto antes a atividade econômica. França reconhece, porém, que o país chega atrasado ao “dá cá o meu” global. E chega em condições desfavoráveis, considerando que disputa doses com concorrentes em condição financeira incomparavelmente melhor, como a União Europeia.

Nos círculos diplomáticos, a expectativa é de que França seja capaz de se valer de algo que a experiência limitada lhe oferece. Embora de rodagem também limitada, Ernesto Araújo atraiu atenção para si pelo ativismo, pelo proselitismo. Já como titular do Itamaraty, não se furtou a comprar disputas de ordem “ideológica” ou “moral”, nas quais de indispôs frontalmente com um parceiro do porte da China. Em relação ao antecessor, o novo

ministro tem a seu favor o fato de não ter se comprometido publicamente com posições, propaladas pelo presidente, que ainda hoje dificultam as relações com Pequim — e o fluxo regular de vacinas e insumos para permitir que o governo brasileiro possa traçar um plano consistente e verificável de imunização contra a covid.

Desafios à vista

Recolocar o Itamaraty na posição de interceder e interferir de maneira efetiva nas situações globais que afetam diretamente o país, como a pandemia, é tarefa primordial para o diplomata de carreira que assume agora a missão de recompor o ministério — internamente, para começar.

Como observaram os que são familiarizados com a dinâmica da diplomacia e com a do Planalto sob Jair Bolsonaro, Carlos França terá pela frente a missão de encontrar caminhos para que o corpo profissional do MRE, reconhecido e valorizado mundialmente, possa exercer seu trabalho cotidiano sem que a pregação ideológica do governo se interponha como obstáculo.

Seu dilema será a escolha entre as necessidades da pasta e as conveniências e preferências do presidente.